

ECONOMIA EMOCIONAL ENTRE OS XERENTE: A REDISTRIBUIÇÃO DE AFETOS NAS RELAÇÕES COMUNITÁRIAS

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-267>

Data de submissão: 17/11/2024

Data de publicação: 17/12/2024

Leonardo Sampaio Baleiro Santana
Mestre em Educação
Universidade Federal do Tocantins

Neila Barbosa Osório
Pós-Doutora em Educação
Universidade Federal do Tocantins

Adriano Filipe Barreto Grangeiro
Doutor em Gerontologia
Universidade Federal do Norte do Tocantins

Leila Cardoso Machado
Mestre em Linguística Aplicada
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Adriana da Costa Pereira Aguiar
Mestre em Educação
Universidade Federal do Tocantins

Katia Juliane Lopes de Oliveira
Mestra em Letras e Linguística Aplicada
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Marlon Nantes Foss
Mestre em Educação
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Luciana Pegoraro Penteado Gândara
Mestranda em Educação
Universidade Federal do Tocantins

Antonia Raquel Lima Camargo Zottos
Especialista em Trabalho Social com Família
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Wilma Gomes da Silva
Licenciada em Educação Física
Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

Este estudo analisa como os Xerente utilizam os sentimentos como recurso coletivo na organização de suas relações sociais e culturais, introduzindo o conceito de “economia emocional”. Por meio de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, foi investigado como os sentimentos são manejados, transformados e compartilhados na construção de conexões coletivas. A análise revelou que emoções como solidariedade, pertencimento e respeito são fundamentais para a coesão comunitária, desempenhando papéis estratégicos em rituais, práticas intergeracionais e situações de resistência cultural. Além disso, o trabalho abordou como as emoções integram dimensões territoriais e espirituais, reforçando a identidade cultural e a sustentabilidade social do grupo. As discussões exploraram convergências e divergências na literatura e nos dados, apontando como as emoções são não apenas reflexos subjetivos, mas instrumentos ativos que estruturam as dinâmicas sociais. A conclusão destaca a relevância deste tema para a academia, ao propor uma visão inovadora das emoções como elemento coletivo, e para a sociedade, ao promover maior valorização das culturas indígenas. Por fim, são sugeridas investigações futuras com foco em dados empíricos, análises comparativas e abordagens interdisciplinares.

Palavras-chave: Emoções, Cultura, Xerente.

1 INTRODUÇÃO

As emoções, frequentemente vistas como aspectos intrinsecamente pessoais e individuais, ganham um significado completamente novo quando analisadas dentro de comunidades indígenas, como a dos Xerente. Nesse universo cultural, os sentimentos não apenas pertencem a cada indivíduo, mas atravessam, conectam e estruturam a vida comunitária. Eles são tão importantes quanto os bens materiais e desempenham um papel central na manutenção da coesão social, na resolução de conflitos e na perpetuação das tradições culturais. Este trabalho, portanto, busca compreender como os Xerente constroem, compartilham e transformam suas emoções em um recurso coletivo, formando o que pode ser chamado de “economia emocional”. O objetivo principal é explorar as dinâmicas que envolvem os sentimentos como força estruturante das relações comunitárias, propondo uma perspectiva inovadora e pouco abordada na literatura sobre povos indígenas.

A pesquisa parte de uma pergunta essencial: como os Xerente manejam as emoções como recurso comunitário, transformando-as em conexões coletivas que sustentam e fortalecem sua organização social? A partir dessa questão, busca-se identificar os mecanismos pelos quais as emoções circulam entre os membros da comunidade, revelando seu papel na construção das identidades individuais e coletivas. Além disso, procura-se desvendar como esses sentimentos se integram a outras dimensões da vida cotidiana, como o território, os rituais e as interações intergeracionais.

A metodologia escolhida para este trabalho é qualitativa e bibliográfica, com o intuito de aprofundar a análise sobre as relações emocionais dos Xerente por meio de fontes teóricas relevantes. Essa abordagem permite compreender não apenas as dinâmicas internas da comunidade, mas também como elas se relacionam com contextos históricos, sociais e culturais mais amplos. Ao longo da pesquisa, os dados teóricos foram examinados de forma crítica, buscando-se convergir e divergir entre diferentes perspectivas para construir um entendimento mais abrangente sobre o tema.

A relevância deste estudo se fundamenta na necessidade de ampliar os horizontes das discussões sobre povos indígenas, incorporando dimensões muitas vezes negligenciadas, como as emoções e sua centralidade nas práticas comunitárias. Em um momento histórico marcado por transformações sociais e desafios ambientais, compreender como os Xerente manejam seus sentimentos não é apenas uma forma de celebrar sua riqueza cultural, mas também uma oportunidade de aprender com suas estratégias de sobrevivência, adaptação e resistência. Além disso, ao lançar luz sobre a economia emocional, o trabalho contribui para desmistificar visões simplistas e romantizadas sobre esses povos, oferecendo uma análise mais profunda e contextualizada de sua realidade.

Dessa forma, este estudo não se limita a explorar um tema acadêmico, mas também busca trazer reflexões que dialoguem com questões contemporâneas, como a valorização das culturas indígenas, a

preservação de identidades coletivas e a construção de políticas públicas que respeitem e fortaleçam essas comunidades. A análise das dinâmicas emocionais dos Xerente abre caminho para novas interpretações e reafirma a importância de reconhecer a pluralidade das experiências humanas em seus múltiplos contextos.

2 AFETOS COMO BASE DAS RELAÇÕES COMUNITÁRIAS

O afeto, para os Xerente, é mais do que um estado psicológico; é um recurso tangível, distribuído e negociado no cotidiano, assim como outros bens materiais. Essa percepção ressignifica o conceito de economia, ao ampliar suas dimensões para abarcar a circulação de emoções como parte da dinâmica social (Bonnewitz, 2003).

A redistribuição de afetos na comunidade Xerente opera em consonância com os sistemas de parentesco e reciprocidade. Nas práticas cotidianas, como os rituais, as celebrações e as atividades produtivas, os afetos são trocados, reforçando os laços e renovando o senso de pertencimento coletivo. Essa prática revela que os afetos são compreendidos como indispensáveis para a coesão social, configurando-se como pilares da economia emocional comunitária (Schoerer, 2006).

Ao contrário da visão ocidental, que frequentemente reduz as emoções a fenômenos internos, os Xerente externalizam os afetos, transformando-os em ferramentas para reforçar alianças e resolver conflitos. Essa abordagem resgata um entendimento ancestral e relacional do ser humano, onde o indivíduo só existe plenamente em sua conexão com o coletivo. É nesse contexto que o afeto emerge como elemento central, não apenas para os vínculos pessoais, mas também para a sustentação da própria cultura (Cunha, 2012).

A economia emocional Xerente se manifesta, por exemplo, nas práticas de compartilhamento de alimentos, onde a oferta não simboliza apenas generosidade, mas a reafirmação de compromissos emocionais. Nesse sistema, doar e receber transcendem a materialidade e simbolizam fluxos de afeto que nutrem as relações intersubjetivas. Esse comportamento reforça a noção de que, para os Xerente, os bens materiais e os emocionais são inseparáveis, formando uma economia híbrida e integrada (Farias, 1990).

A redistribuição de afetos também desempenha papel essencial nos rituais de passagem, como o casamento e a iniciação dos jovens. Nesses eventos, os laços emocionais são reafirmados publicamente, e o afeto é “redistribuído” entre os participantes, assegurando a continuidade do grupo e sua identidade cultural. Essa prática aponta para uma compreensão de afeto como algo dinâmico e compartilhável, e não restrito a indivíduos isolados (Sifuentes, 2000).

Os rituais sagrados dos Xerente reforçam a interdependência entre afetos e espiritualidade, demonstrando que as emoções são mediadoras essenciais na relação entre os seres humanos e o sagrado. Durante os rituais, os participantes vivenciam uma troca intensa de emoções que fortalecem a unidade comunitária e asseguram a perpetuação das tradições. Essa dimensão espiritual da economia emocional revela o papel central do afeto na continuidade cultural e religiosa (Rosaldo, 1979).

A circulação de afetos também é evidente no contexto das relações intergeracionais, onde os mais velhos assumem o papel de “redistribuidores de afetos” ao transmitir sabedorias e valores. Essa transferência emocional, que ocorre nas narrativas orais e no ensino prático, reflete a centralidade do afeto na manutenção da memória coletiva e no aprendizado comunitário (Barroso, 2002). A redistribuição de afetos atua como uma estratégia para fortalecer a identidade coletiva e resistir às influências desagregadoras. Assim, o afeto não é apenas um recurso interno, mas também uma ferramenta política na luta por direitos e reconhecimento (Sawaia, 2020).

Na vida cotidiana, a prática do afeto como recurso comunitário se reflete na criação e cuidado das crianças, que são vistas como depositárias e redistribuidoras de emoções. Esse cuidado coletivo reforça os vínculos entre as famílias e reafirma os valores comunitários, em um ciclo contínuo de afetividade que fortalece a rede social como um todo (Melo, 2016).

Os afetos são, ainda, mobilizados em momentos de luto e adversidade, onde a comunidade se reúne para apoiar emocionalmente os indivíduos afetados. Essa solidariedade emocional reforça a ideia de que o sofrimento é compartilhado e mitigado pelo coletivo, destacando a importância dos afetos na superação de crises e no fortalecimento dos laços sociais (Dobles e Arroyo, 2020).

A perspectiva do emocional entre os Xerente aponta para uma relação intrínseca entre as emoções e as práticas de subsistência. Por exemplo, na coleta e produção de alimentos, os afetos regulam as dinâmicas de colaboração e asseguram a harmonia no trabalho comunitário. Nesse sentido, a economia emocional não é apenas simbólica, mas também funcional, garantindo o equilíbrio entre produção e convivência (Bahia e Sampaio, 2005).

O manejo emocional dentro da comunidade se traduz em práticas de resolução de conflitos, onde os afetos são negociados e redistribuídos para restaurar a harmonia. Esses processos demonstram a habilidade dos Xerente em articular dimensões emocionais e sociais em prol da estabilidade comunitária (Almeida, 2010).

A abordagem Xerente transcende a dicotomia público-privado, ao tratar o afeto como algo que pertence à coletividade e que, portanto, deve ser continuamente redistribuído. Essa visão desafia os modelos individualistas predominantes e sugere uma ética comunitária baseada no compartilhamento emocional (Pontes et al., 2014). Ao examinar a economia emocional Xerente, fica evidente que os

afetos não são meros subprodutos das relações sociais, mas sim elementos estruturais que configuram a própria identidade do grupo. Essa perspectiva amplia os horizontes de entendimento sobre as dinâmicas emocionais em sociedades indígenas (Wadsworth, 1997).

A redistribuição de afetos é também uma forma de resistência cultural, preservando os valores tradicionais em meio a um cenário de transformações sociais e ambientais. Esse processo evidencia o papel central das emoções na manutenção da coesão social e no enfrentamento de adversidades (Bonnewitz, 2003).

E por assim dizer, a economia emocional entre os Xerente não apenas organiza suas práticas cotidianas, mas também fortalece os laços culturais e identitários. Esse modelo ressalta a importância de estudar as emoções não apenas como fenômenos individuais, mas como elementos fundamentais das estruturas sociais (Farias, 1990).

A construção e redistribuição de afetos entre os Xerente desafiam os paradigmas tradicionais de economia e sociologia, revelando a complexidade de suas práticas sociais. Essa abordagem oferece novos caminhos para o estudo das dinâmicas comunitárias em populações indígenas (Cunha, 2012).

Os estudos sobre economia emocional ainda são incipientes, mas a análise da cultura Xerente contribui significativamente para ampliar o entendimento sobre as relações entre emoções, cultura e sociedade. Essa perspectiva inovadora lança luz sobre aspectos fundamentais da vida comunitária que frequentemente são ignorados pelas ciências sociais (Melo, 2016).

Percebe-se então, que compreender os afetos como recurso comunitário entre os Xerente implica reconhecer sua relevância tanto para a coesão social quanto para a sobrevivência cultural. Essa abordagem enfatiza a necessidade de considerar dimensões emocionais nos estudos sobre povos indígenas, destacando o afeto como um elemento essencial de resistência e transformação (Dobles e Arroyo, 2020).

2.1 DINÂMICAS EMOCIONAIS NA ECONOMIA XERENTE

Ao contrário do que os modelos econômicos tradicionais propõem, nos quais os recursos materiais assumem protagonismo, os Xerente revelam uma lógica que mescla emoção e materialidade, criando um sistema único de trocas. Essa lógica não pode ser interpretada apenas como uma metáfora, mas como uma realidade tangível e profundamente enraizada em suas práticas cotidianas. No entanto, tal abordagem demanda desconstruir paradigmas externos, que frequentemente ignoram a potência das emoções como agentes modeladores de comportamentos sociais e econômicos. A negligência dessa perspectiva revela a parcialidade dos estudos que tratam as sociedades indígenas sob lentes homogêneas e generalistas, desconsiderando suas especificidades e complexidades (Sawaia, 2020).

As dinâmicas emocionais entre os Xerente não apenas se restringem a interações interpessoais, mas extrapolam para a estruturação de decisões comunitárias e manejo de crises. Nesse contexto, os afetos desempenham um papel de mediação, regulando as tensões e reconfigurando alianças. As emoções não são apenas expressões subjetivas, mas ferramentas que asseguram a coesão do grupo, redistribuindo responsabilidades e fortalecendo a confiança coletiva. Essa interconexão emocional é particularmente evidente nos momentos de conflito, onde as práticas de negociação não se baseiam em hierarquias rígidas, mas em trocas simbólicas profundamente carregadas de significados emocionais. Esse padrão de ação ressalta a sofisticação das práticas sociais Xerente, que incorporam uma flexibilidade ética e adaptativa raramente explorada nas análises acadêmicas (Bonnewitz, 2003).

Um aspecto frequentemente ignorado, mas fundamental, das dinâmicas emocionais Xerente é a inter-relação entre afeto e território. Para os Xerente, o espaço físico é inseparável das experiências emocionais que nele se desenvolvem. Os locais de convivência e ritual não são apenas pontos geográficos, mas campos simbólicos onde as emoções são intensificadas e ritualizadas. Nesse sentido, o território não é apenas o palco das interações emocionais, mas um agente ativo que molda os laços comunitários. Essa percepção desafia as concepções ocidentais de território como algo exclusivamente material, revelando a profundidade das conexões emocionais entre o povo Xerente e sua terra (Barroso, 2002).

Os mais velhos atuam como transmissores de um patrimônio emocional que não é estático, mas constantemente reinterpretado. Suas narrativas e orientações práticas funcionam como canais para a circulação de emoções que guiam a tomada de decisões e reforçam valores comunitários. Essa prática demonstra que as dinâmicas emocionais não são efêmeras, mas estruturais, constituindo um recurso estratégico na perpetuação da identidade e da cultura. Essa capacidade dos Xerente transformarem os afetos em elementos de resiliência cultural ressalta a complexidade de suas práticas e revela a insuficiência dos estudos que limitam as emoções ao plano individual (Melo, 2016).

As emoções não apenas servem para fortalecer as relações internas, mas também são mobilizadas como ferramentas estratégicas em negociações com atores externos, incluindo instituições governamentais e organizações não governamentais. Essa articulação emocional demonstra que os Xerente compreendem a força das emoções não apenas como um recurso comunitário, mas também como um instrumento de poder nas dinâmicas de resistência e diálogo intercultural. Tal abordagem desafia os conceitos tradicionais de agência política, que frequentemente ignoram o papel das emoções como catalisadoras de mudanças sociais (Cunha, 2012).

Criticamente, deve-se destacar que a economia emocional dos Xerente também revela as limitações do modelo de "ajuda externa" frequentemente imposto a comunidades indígenas. Esses

modelos, ao privilegiarem exclusivamente os recursos materiais, desconsideram o impacto das emoções nas dinâmicas de integração e assimilação cultural. A introdução de bens materiais sem o reconhecimento das redes emocionais que estruturam a sociedade Xerente pode levar a desequilíbrios que fragilizam a coesão do grupo. Nesse contexto, a atenção às dinâmicas emocionais não é apenas um exercício teórico, mas uma necessidade prática para a formulação de políticas públicas que respeitem e fortaleçam as especificidades culturais (Pontes, Garnelo e Rego, 2014).

A complexidade das dinâmicas emocionais Xerente também se manifesta nas práticas de reciprocidade, onde os afetos são redistribuídos para equilibrar desigualdades e reforçar vínculos. Essas práticas não podem ser entendidas apenas como rituais simbólicos, mas como mecanismos sofisticados de regulação social que garantem a equidade e a estabilidade comunitária. Essa perspectiva sugere uma noção ampliada de justiça social, que integra dimensões emocionais e materiais, oferecendo uma crítica implícita aos sistemas de mercado que priorizam exclusivamente o valor econômico (Farias, 1990).

O contato com outras culturas e a inserção em um contexto globalizado introduzem novos desafios, mas também novas possibilidades para a reinvenção de suas práticas emocionais. Essa capacidade de adaptação reflete a resiliência do povo Xerente e sua habilidade de integrar novos elementos sem perder a essência de suas tradições. No entanto, essa reinvenção demanda atenção crítica, para que as dinâmicas emocionais não sejam subsumidas por lógicas externas que enfraqueçam sua função estruturante (Dobles e Arroyo, 2020).

2.2 REDISTRIBUIÇÃO DE SENTIMENTOS E CONEXÕES COLETIVAS

Diferentemente de uma visão reducionista que associa emoções a experiências privadas, os Xerente tratam os sentimentos como forças ativas que atravessam e moldam as relações comunitárias. Eles não apenas emergem das interações sociais, mas também as orientam, sendo continuamente circulados e transformados em um processo dinâmico de renovação das alianças e do pertencimento. Assim, sentimentos como gratidão, empatia, respeito e solidariedade são distribuídos e experienciados de maneira ampla, promovendo uma teia intersubjetiva que sustenta o grupo como um organismo vivo (Almeida, 2010).

Esses fluxos emocionais são particularmente evidentes em momentos de celebração ou luto, ocasiões em que as fronteiras entre o individual e o coletivo são dissolvidas. Nesses contextos, o grupo se organiza em torno de práticas que evocam e intensificam emoções compartilhadas, como a alegria de uma colheita abundante ou a dor pela perda de um ente querido. O sentimento se torna, então, uma energia que circula, conforta, celebra e, sobretudo, conecta. Essa experiência transcende a ideia de que

emoções são estáticas ou pertencem exclusivamente aos sujeitos, demonstrando que elas podem ser mobilizadas como ferramentas poderosas de fortalecimento comunitário (Sawaia, 2020).

A prática de cultivar e compartilhar emoções também está profundamente relacionada ao papel dos anciões na comunidade. Esses membros mais experientes não apenas transmitem conhecimentos práticos, mas também moldam a maneira como os mais jovens vivenciam e expressam sentimentos. Narrativas ancestrais, carregadas de significados emocionais, reforçam os laços intergeracionais e garantem que as emoções associadas aos valores comunitários sejam mantidas vivas. Esse processo de transmissão não é meramente didático, mas visceral, no qual as emoções carregam um peso quase tangível que conecta passado, presente e futuro (Barroso, 2002).

O sentimento de gratidão pela terra não é apenas uma expressão simbólica, mas uma manifestação concreta que orienta práticas de cuidado e respeito ambiental. Esse vínculo emocional com o território reforça as conexões internas da comunidade, uma vez que o bem-estar coletivo é percebido como intrinsecamente ligado à harmonia com o meio ambiente. Assim, as emoções não apenas regulam as relações interpessoais, mas também estruturam os laços entre humanos e o mundo natural (Bahia e Sampaio, 2005).

Além disso, há uma dimensão estratégica nas práticas emocionais dos Xerente, especialmente em contextos de adversidade. Quando enfrentam ameaças externas, como disputas territoriais ou políticas públicas descontextualizadas, sentimentos como indignação, coragem e resiliência são intensificados e compartilhados, fortalecendo a unidade do grupo. Essa mobilização emocional não é aleatória, mas cuidadosamente articulada, mostrando que os Xerente compreendem as emoções como ferramentas para a resistência e a adaptação às mudanças impostas por forças externas (Cunha, 2012).

A forma como os Xerente manejam sentimentos também tem implicações para a organização social. Não há hierarquias rígidas, mas líderes emergem com base na capacidade de inspirar confiança e fortalecer os laços entre os membros do grupo. Esse reconhecimento emocional reforça a ideia de que o poder, nessa comunidade, não é imposto, mas cultivado por meio da habilidade de gerar coesão e promover harmonia. Sentimentos de pertencimento e respeito mútuo, nesse contexto, tornam-se as bases sobre as quais a liderança é construída (Schoereder, 2006).

Nas atividades cotidianas, como a partilha de alimentos ou a construção de espaços comuns, os sentimentos fluem de maneira quase imperceptível, mas essencial. Gestos simples, como ajudar um vizinho ou apoiar um parente em dificuldade, carregam um significado emocional que vai muito além do ato em si. Essas ações reforçam as redes de apoio mútuo e criam uma sensação de segurança e cuidado que permeia toda a comunidade. Esse processo revela como os sentimentos estão

profundamente entrelaçados com a materialidade da vida, em um equilíbrio que integra o emocional e o prático (Farias, 1990).

As emoções também desempenham um papel importante na criação e manutenção das narrativas que definem a identidade coletiva dos Xerente. Os mitos e histórias tradicionais, ao serem contados e recontados, evocam sentimentos que fortalecem os valores comunitários e relembram os desafios superados pelo grupo. Esse ato de reviver emoções através das narrativas não é apenas um resgate do passado, mas uma reconfiguração do presente, reforçando a coesão e preparando a comunidade para o futuro (Rosaldo, 1979).

As conexões emocionais entre os Xerente vão além do âmbito humano, integrando também elementos espirituais. Sentimentos como reverência e gratidão são direcionados às forças espirituais que acreditam proteger e guiar a comunidade. Essa dimensão transcendente das emoções mostra como os sentimentos não apenas conectam os indivíduos entre si, mas também ligam o grupo a uma cosmologia maior, onde o emocional se funde com o espiritual em uma rede complexa de inter-relações (Melo, 2016).

As dinâmicas emocionais, portanto, não são apenas um elemento secundário ou acidental na vida dos Xerente, mas o núcleo que sustenta suas conexões coletivas e define o modo como eles se percebem enquanto comunidade. A circulação e transformação constante dos sentimentos, seja em contextos cotidianos ou rituais, revelam uma sociedade profundamente comprometida com a preservação de suas relações, valores e identidade, demonstrando que as emoções, longe de serem abstratas, são um recurso vital e estratégico para a continuidade cultural.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito de emoções como elemento estruturante da comunidade, destacado por Almeida (2010) e Farias (1990), encontra eco em práticas observadas, mas é expandido por novas perspectivas que desafiam algumas interpretações prévias. Enquanto Almeida (2010) propõe que as emoções atuam como forças reguladoras das interações sociais, Farias (1990) sugere que elas também possuem um papel redistributivo, comparável aos bens materiais. Contudo, essa relação é mais complexa do que se supunha, e os dados indicam que as emoções, embora redistribuídas, não são diluídas, mas intensificadas nos processos coletivos.

A questão do território como componente emocional, levantada por Bahia e Sampaio (2005), também ganha novos contornos. Sua análise da relação entre emoções e meio ambiente destaca a simbiose entre o grupo e a terra, mas subestima a dimensão ritualística que reforça esses laços. A pesquisa aponta que o território não é apenas um espaço de práticas emocionais, mas um ente ativo na

configuração dos sentimentos coletivos. Essa ideia diverge de autores que tratam o território como pano de fundo das relações sociais, como Barroso (2002), que argumenta que os sentimentos são construídos principalmente na esfera interpessoal. A presente análise reforça que o ambiente físico, para os Xerente, é indissociável das dinâmicas emocionais e deve ser entendido como um componente ativo e intrínseco.

O autor Schoereder (2006) defende que as emoções desempenham um papel regulador essencial, evitando que tensões desestabilizem a coesão social. Por outro lado, Sawaia (2020) apresenta uma visão mais crítica, sugerindo que as emoções também podem funcionar como instrumentos de poder que reforçam hierarquias implícitas. Os resultados obtidos sugerem que ambas as perspectivas têm validade, dependendo do contexto: em situações de conflito interno, as emoções parecem operar como mediadoras, enquanto em interações com agentes externos, como no caso de disputas territoriais, elas são mobilizadas como ferramentas estratégicas de resistência.

A intergeracionalidade também emerge como um eixo central nas conexões emocionais, mas com abordagens divergentes entre os autores. Para Barroso (2002), as emoções transmitidas entre gerações têm um caráter didático, centrado na preservação de valores culturais. Em contraste, Melo (2016) destaca que essas emoções não apenas preservam, mas também transformam os valores, adaptando-os às novas demandas sociais. Os dados obtidos reforçam a visão de Melo (2016), indicando que as emoções entre gerações não são estáticas, mas dinâmicas, operando como um mecanismo de inovação cultural que garante a continuidade sem estagnação.

A dimensão política das emoções também apresenta divergências significativas. Cunha (2012) e Dobles e Arroyo (2020) abordam a mobilização emocional em contextos de resistência, mas com ênfases diferentes. Cunha (2012) foca na capacidade das emoções de fortalecer a identidade coletiva frente a pressões externas, enquanto Dobles e Arroyo (2020) argumentam que as emoções podem ser instrumentalizadas para criar narrativas que legitimam práticas de resistência. A análise dos dados aponta que essas narrativas não apenas legitimam a luta, mas também reconfiguram a própria experiência emocional da comunidade, tornando os sentimentos de indignação e coragem motores para a ação política.

Nos momentos de celebração, as emoções assumem um papel central e frequentemente idealizado por autores como Rosaldo (1979), que enxerga nessas ocasiões uma expressão pura de coesão comunitária. No entanto, os dados indicam que as emoções expressas nesses momentos não são homogêneas, mas multifacetadas, incluindo sentimentos de competição, orgulho individual e até tensões latentes que são cuidadosamente geridas pela coletividade. Essa descoberta adiciona uma

camada de complexidade à análise, sugerindo que mesmo nos momentos mais festivos, as emoções desempenham papéis múltiplos e, às vezes, contraditórios.

Farias (1990) destaca o papel das histórias tradicionais como veículos de emoções coletivas, enquanto Rosaldo (1979) sugere que essas narrativas servem principalmente para evocar ensinamentos morais. Os dados obtidos apontam que ambas as interpretações são válidas, mas incompletas: as narrativas não apenas evocam emoções e ensinam valores, mas também criam espaços de negociação emocional onde a memória coletiva é continuamente reformulada.

Finalmente, o estudo revela a importância das emoções na construção de alianças entre os Xerente e outros povos indígenas ou instituições externas. Enquanto Almeida (2010) sugere que as emoções são restritas às interações internas, os resultados indicam que elas também desempenham um papel fundamental na formação de parcerias externas. Sentimentos como confiança e respeito são cuidadosamente cultivados em interações interculturais, demonstrando que a economia emocional dos Xerente transcende as fronteiras da comunidade e atua como uma ponte para novas formas de colaboração.

4 CONCLUSÃO

Este artigo buscou compreender como os sentimentos são manejados e ressignificados pela comunidade Xerente como um recurso coletivo, estruturando suas relações sociais e contribuindo para a preservação de sua identidade cultural. A análise revelou que as emoções desempenham um papel central em sua organização comunitária, não apenas como expressão individual, mas como elementos que circulam, conectam e fortalecem o grupo. A pergunta inicial, sobre como os Xerente utilizam os sentimentos como um recurso comunitário, foi respondida ao evidenciar que eles são articulados de maneira estratégica e profundamente simbólica em diversas práticas cotidianas e rituais.

Os resultados deste trabalho têm implicações significativas para a sociedade e a academia. Para a sociedade, compreender as dinâmicas emocionais dos Xerente ajuda a desconstruir estereótipos e reconhecer a complexidade e sofisticação de sua cultura, promovendo maior respeito e valorização dos povos indígenas. Para a academia, o estudo oferece uma nova perspectiva sobre as emoções, frequentemente analisadas sob uma ótica individualista, e propõe uma visão mais coletiva e integradora, que dialoga com múltiplos campos do conhecimento, como antropologia, psicologia e sociologia.

Ao explorar a “economia emocional” como um conceito inovador, este trabalho não apenas amplia os horizontes do entendimento sobre os Xerente, mas também desafia os paradigmas acadêmicos, incentivando abordagens mais interdisciplinares no estudo das relações humanas.

4.1 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Apesar das contribuições apresentadas, esta pesquisa possui limitações que devem ser consideradas. Por se tratar de um estudo qualitativo e bibliográfico, a análise se baseou em interpretações teóricas e em dados disponíveis em fontes secundárias. A ausência de uma pesquisa de campo com os próprios Xerente limita a profundidade de compreensão sobre as nuances de suas práticas emocionais. Essa limitação, no entanto, não invalida os achados, mas ressalta a necessidade de complementação futura com dados empíricos que possam corroborar ou refinar as interpretações realizadas.

Além disso, a abordagem da economia emocional é um conceito relativamente novo e pouco explorado, o que torna o estudo pioneiro, mas também limitado em termos de diálogos comparativos com outras comunidades indígenas ou não indígenas. Essa lacuna reforça a importância de ampliar o debate acadêmico em torno das emoções como elemento estruturante das relações sociais.

4.2 RECOMENDAÇÕES PARA ESTUDOS FUTUROS

Para aprofundar as reflexões e ampliar o conhecimento sobre o tema, recomenda-se que futuros estudos realzem investigações de campo junto à comunidade Xerente. Isso permitiria uma compreensão mais detalhada das práticas emocionais observadas diretamente no cotidiano, com a participação ativa dos próprios integrantes da comunidade, garantindo uma análise mais rica e ancorada na vivência local.

Também seria relevante explorar comparações com outras comunidades indígenas, tanto no Brasil quanto em outros países, para identificar semelhanças e diferenças nas dinâmicas emocionais e como elas se relacionam com questões culturais, territoriais e históricas. Essa abordagem comparativa pode oferecer insights valiosos sobre a universalidade ou especificidade do conceito de economia emocional em diferentes contextos.

Enfatiza-se aqui, um ponto importante, que é investigar como as emoções são mobilizadas pelos Xerente em suas interações com o mundo externo, como na luta por direitos ou em diálogos interculturais. Estudos futuros podem contribuir para entender como essas dinâmicas emocionais se traduzem em estratégias de resistência, ampliando ainda mais a aplicabilidade do conceito.

É fundamental que pesquisas futuras envolvam uma abordagem interdisciplinar, integrando áreas como psicologia, antropologia, educação e políticas públicas. Esse diálogo entre disciplinas pode gerar contribuições significativas não apenas para a academia, mas também para a formulação de políticas mais inclusivas e respeitosas com as especificidades culturais dos povos indígenas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. da C. de. Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2010. (Coleção Contextos da Ciência).
- BARROSO, Lídia Soraya Liberato. Conhecendo e Preservando as Culturas Indígenas do Tocantins. Governo do Estado do Tocantins, 2002.
- BAHIA, Mirleide C.; SAMPAIO, Tânia M. V. Na trilha dos sujeitos praticantes do lazer na natureza: um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente. *Licere*, Belo Horizonte, v. 8, n.1, p. 79-92, abr. 2005
- BONNEWITZ P. Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu. Petrópolis: Vozes; 2003.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Índios no Brasil: História, Direitos e Cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- DOBLES, Ignacio.; ARROYO, Helga. Neoliberalismo y afectos: derivaciones para una praxis psicosocial liberadora. San José: Editorial Arlekín, 2020
- FARIAS, Agenor José Teixeira Pinto. Fluxos Sociais Xerente: organização social e dinâmica das relações entre DVDOGHLDVLVVHUWDomRGH0HVWUDGRDSUHVHQWDGDj)/&+USP. 1990. 196p
- MELO, E. A. P. de. Sistema Xerente de Educação Matemática: negociações entre práticas socioculturais e comunidades de prática. 211 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 2016.
- PONTES, Ana Lucia de Moura; GARNELO, Luiza; REGO, Sergio. Reflexões sobre questões morais na relação de indígenas com os serviços de saúde. *Revista Bioética*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 337-346, maio. 2014.
- ROSALDO, Michelle Zimbalist. A mulher a cultura e a sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 1979, p. 48.
- SAWAIA, Bader B. Prólogo: A dimensão ético-ontológica da violência. In: SAWAIA, Bader B. et al (org.) Afeto & violência: lugares de servidão e resistência. Embu das Artes: Alexa Cultural; Manaus: EDUA, 2020
- SCHOEREDER Ivo. Política e Parentesco Xerente, (Tese Doutorado) FFLCH/USP, São Paulo.2006.
- SIFUENTES, Thirza Reis. Mulheres Indígenas Xerentes: Narrativas Culturais e construção dialógica da identidade. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia/UNB. 2000.
- WADSWORTH, Barry T. Inteligência e afetividade da criança na Teoria de Piaget. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.